



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E LITERATURA

INTERNATIONAL SEMINAR ON PHILOSOPHY AND LITERATURE

PORTUGAL - GOA:

OS ORIENTES E OS OCIDENTES

THE EAST(S) AND THE WEST(S)

Coordenação de Maria Celeste Natário, Renato Epifânio e Maria Luísa Malato



Ficha técnica

Título:

Portugal – Goa: os Orientes e os Ocidentes

Portugal – Goa: The East(s) and the West(s)

Seminário Internacional de Filosofia e Literatura
International Seminar on Philosophy and Literature

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Maria Luísa Malato (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto / Instituto de
Literatura Comparada Margarida Losa)

Paulo Borges (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Editor:

Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Filosofia

Ano de edição:

2019

ISBN 978-989-8969-35-4

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-35-4/port>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1691&sum=sim>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência FIL/00502.

A PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO

E AS SUAS EXPERIÊNCIAS DO ORIENTE

Amélia Polónia e Rosa Capelão

UP/CITCEM

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto
+351 22 607 71 77 | citcem@letras.up.pt

Resumo.

A *Peregrinação* é uma obra da autoria de Fernão Mendes Pinto, publicada pela primeira vez em Lisboa em 1614, cerca de 31 anos após a morte do seu autor. Obra de complexidade inquestionável, sobressai o esforço do autor para tornar compreensível aos seus contemporâneos e conterrâneos uma realidade distante, de um modo que não afrontasse poderes instituídos e expectativas de representação de um império e de uma presença, a portuguesa, no Oriente, construída desde 1500 e em fase de profundos desafios. Em contextos, muitas vezes improvisados, de encontros culturais, Fernão Mendes Pinto regista o que vê e procura interpretá-lo. O autor insiste no carácter testemunhal do que é relatado, e assim a experiência pessoal é apresentada como garante de verdade dos factos apresentados. Ao mesmo tempo, através das suas observações, dá a conhecer a imagem que se tinha dos portugueses no Oriente, por meio de afirmações valorativas feitas por ele mesmo, ou recorrendo à voz do outro, pondo em causa as intenções das políticas e agentes portugueses no Oriente. A *Peregrinação* apresenta-se como um testemunho incontornável das vulnerabilidades individuais e coletivas do projeto português no Oriente. A necessidade do outro, e a necessidade de cooperar, de tecer alianças com o outro (em mundos onde os portugueses são apenas uma entre muitas outras entidades em diálogo e em confronto) originam práticas que merecem ainda hoje a nossa atenção.

Palavras-chave: Oriente, Portugal, Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, Descobrimientos Geográficos, Encontros Interculturais.

Abstract.

The *Peregrinação* is a work by Fernão Mendes Pinto, first published in Lisbon in 1614, about 31 years after the death of its author. A work of unquestionable complexity highlights the author's effort to make his contemporaries and countrymen understand a distant reality, in a way that it does not confront the established powers, expectations of an imperial representation and the Portuguese existence in the East, built from early 1500 and in phase of deep challenges. In contexts of often improvised cultural encounters, Fernão Mendes Pinto records what he sees, and he seeks to interpret it. The author insists on the testimonial character of what is reported, and thus personal experience is presented as a guarantee of truth of the facts offered. At the same time, through his observations, he reveals an image of the Portuguese in the East, through statements made by himself, or by using the voice of other, questioning the intentions of Portuguese policies and agents in the East. *Peregrinação* is an unavoidable testimony of the individual and collective vulnerabilities of the Portuguese project in the East. The need of the other, and the need to cooperate, and to make alliances with the other (in a world in which the Portuguese are just one more among many other entities in dialogue or in confrontation), encourage practices that deserve even nowadays our attention.

Keywords: East, Portugal, Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, Geographic Discoveries, Intercultural Encounters.

«Todo viajante ou residente europeu no Oriente teve de proteger-se contra as suas perturbadoras influências».

E. Said, *Orientalismo*

A *Peregrinação* é uma obra da autoria de Fernão Mendes Pinto, publicada pela primeira vez em Lisboa em 1614, cerca de 31 anos após a morte do seu autor¹. Obra de complexidade inquestionável, sobressai o esforço do escritor para tornar compreensível aos seus contemporâneos e conterrâneos uma realidade distante, de um modo que não afrontasse poderes instituídos e expectativas de representação de um império e de uma presença, a portuguesa, no Oriente, construída desde 1500 e em fase de profundos desafios. Fernão Mendes Pinto insiste no carácter testemunhal do que é relatado, «*da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouvio*» e assim a sua *experiência* pessoal é a que aportava veracidade à narração dos factos e se constitui como uma fonte empírica de conhecimento – uma nova forma de autoridade, face à clássica, a livresca². O seu autor deambulou por aqueles territórios entre 1537 e 1558. E a sua produção literária, a *Peregrinação*, obra de aventuras, é testemunho de encontros interculturais entre o que seria definido como Oriente e Ocidente, e do impacto que os descobrimentos geográficos tiveram sobre a sociedade da altura.³

Mas antes de começar a explorar a experiência do Oriente invocada na *Peregrinação* seria interessante refletir sobre a seguinte questão: qual seria a ideia ou a imagem de “Oriente” que teria Fernão Mendes Pinto antes e depois da sua aventura? Sem resposta à vista, o que podemos constatar é que o vocábulo *Oriente* está de facto presente no texto. Este aparece no título da obra⁴, na dedicatória do provedor e irmãos da administração da Casa Pia das Penitentes Recolhidas de Lisboa⁵, escrita em 1614, e no capítulo CXIII, ao descrever o reino da China⁶. Este

¹ PINTO, 1614.

² BARRETO, 1986: 152.

³ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018.

⁴ Título que com toda segurança não foi da autoria de Fernão Mendes Pinto. POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 91.

⁵ «E como Vossa Majestade é protetor desta casa, e a lição deste livro, além de ser vária e aprazível, dá muita notícia das coisas do Oriente, em que Vossa Majestade tem tão grande parte». POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 95.

⁶ «Assim que em todas as coisas há neste reino um tão excelente governo e uma tão pronta execução nas coisas dele, que entendendo bem isto no tempo que lá andou aquele bem-aventurado padre-mestre Francisco Xavier, lume no seu tempo de todo o Oriente, cuja virtude e santidade o fizeram tão conhecido no mundo». POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 403.

Oriente, aqui nomeado, reporta a entidades geográficas e culturais bem diversas, que na *Peregrinação* estão representadas a partir de uma perspetiva portuguesa. Esta obra contribuiu para pôr em circulação, não a verdade/realidade sobre aqueles territórios e os factos apresentados, mas a sua representação⁷. Mas ao mesmo tempo, através das suas observações, o autor dá a conhecer a imagem que se tinha dos portugueses naqueles territórios, ou por meio de afirmações valorativas feitas por ele mesmo, ou recorrendo à voz do outro, pondo muitas vezes em causa as suas intenções e as das conquistas ultramarinas portuguesas. O seu é um testemunho incontornável das vulnerabilidades individuais e coletivas do projeto português no Oriente. Na *Peregrinação* foram representados diálogos, alianças, estratégias de cooperação, mas também incompreensão mútua, ruturas e valores em conflito num mundo em que os portugueses são apenas uns entre muitos outros. São referidos ao longo da obra diferentes textos, línguas e civilizações, contribuindo para a acumulação a uma maior escala do conhecimento “ocidental” sobre o Oriente.

Fernão Mendes Pinto refere que tinha trazido ao reino uma tradução de uma fonte documental asiática, concretamente da atual Birmânia. Tratar-se-ia de uma relação do embaixador do rei do Bramá na que descreve um pagode, o de Tinagoogó na cidade de Timplão, capital do Imperio do Calaminhão, e os ritos que ali eram celebrados: «e de tudo o que aqui passou, viu e ouviu, levou um volume de patranhas escritas ao rei do Bramá, que depois em Pegú mandou que se pregasse nos púlpitos de todas as bralas do reino, como ainda hoje se faz, do qual eu trouxe o treslado a este reino, que um florentino me pediu emprestado, e querendo-o eu tornar a haver à mão, mo fez perdediço e o levou consigo a Florença, e o presentou ao duque da Toscana, o qual me disseram que o mandara imprimir com título de *Crenças novas da gentildade do cabo do mundo*».⁸

Algumas destas informações respondem a interesses imperiais, como observamos em relação à descrição da cidade de Pongor, atual cidade de Naha, na ilha de Okinawa no Japão: «E desta maneira nos partimos desta cidade de Pongor, metrópole desta ilha léquia, da qual aqui brevemente quis dar alguma informação,

⁷ «A diferença entre as representações do Oriente anteriores ao último terço do século XVIII e as posteriores a esse período (isto é, as que pertencem ao que chamo orientalismo moderno) é que o alcance da representação aumentou no último período». Importa lembrar que E. Said fala principalmente da experiência de franceses e britânicos. SAID, 1996: 33.

⁸ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 570.

como costumei de fazer nas outras terras de que atrás tenho tratado, para que se em algum tempo Deus, Nosso Senhor, for servido de inspirar na nação portuguesa, que primeira e principalmente pela exaltação e acrescentamento da sua santa fé católica, e após isso pelo muito proveito que daí pode tirar, queira intentar a conquista desta ilha, saiba por onde há de pôr os pés e o muito que pode ganhar no descobrimento dela, e quão fácil lhe será conquistá-la».⁹

A *Peregrinação* é também testemunho de reflexões sobre o encontro com outras muitas culturas orientais que até então eram desconhecidas para os europeus. Fernão Mendes Pinto, ao deixar atrás o império do Calaminhão, no sudeste asiático, refere: «Assim que, pela variedade de nações incógnitas que aqui vimos, se pode muito bem coligir que nesta monarquia do mundo há ainda muitas terras que não são descobertas, nem conhecidas de nós».¹⁰

Quanto ao registo literário, Fernão Mendes Pinto recorre significativamente a um jogo de personagens e de identidades-tipo: o eu, o nós, os outros. E assim foi utilizando diferentes vozes na *Peregrinação*, com maior ou menor continuidade e com intenções e registos diversos¹¹. Fernão Mendes Pinto não era um profissional das letras, mas claramente tinha vocação para elas. Isso deu-lhe a motivação suficiente para empreender semelhante projeto narrativo, onze anos depois do seu regresso ao reino, isto é, cerca de 1569. Quanto ao estilo da obra, este é «vário», como aparece apresentado na nota ao leitor. E ao longo do próprio texto o autor justifica o estilo, e justifica-se, representando-se como um autodidata: alguém que sabe o que a natureza lhe ensinou.¹²

A *Peregrinação* é uma narrativa marcada pelo discurso oral, fixado num registo escrito¹³. O seu estilo é assinalado pela busca de expressividade, e repleto, por isso, de elementos próprios da oralidade, com um grande sentido teatral, pois, sobretudo, Fernão Mendes Pinto é um contador de histórias. A obra tem uma estética própria e uma forma particular de relatar os eventos, mostrando-se aparentemente fiel ao seu ser, à sua essência. O autor faz continuamente uso do seu explícito «engenho». Assim ocorre com muitos dos diálogos estabelecidos entre personagens, que se expressam em línguas locais e diversas, traduzindo o

⁹ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 491.

¹⁰ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 580.

¹¹ CORREIA, 1999: 171-188.

¹² POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 376.

¹³ RICCEUR, 2009.

autor o seu significado, a seu modo... São frequentes as explicações linguísticas. Por exemplo, Fernão Mendes Pinto, a propósito com o encontro com o rei dos tártaros refere: «[...] e logo à entrada da tenda estavam quatro moços muito gentis-homens e ricamente vestidos, que com seus incensários a rodeavam por fora de dois em dois, os quais, ao som de certas pancadas que se davam em um sino, se prostravam por terra e se incensavam uns aos outros, dizendo em voz alta, como quem canta entoado: “Hixapu alitau xucabim tamy tamy ora pani maguo”, que quer dizer “Chegue a ti nosso brado assim como cheiro suave, porque nos ouças”».¹⁴

O resultado deste trabalho é a *Peregrinação*, uma obra complexa, difícil de definir e de classificar. Nela encontramos uma dimensão que é, ao mesmo tempo, épica, trágica, crítica, documental, satírica e pícara. Como género, a *Peregrinação*, se não inaugura a literatura de viagens em Portugal, de que existem exemplos prévios, fá-lo com a literatura de aventura na primeira pessoa. Fernão Mendes Pinto apresenta-se como um homem curioso e de boa memória que decidiu escrever as suas memórias, e contar histórias que merecem ser contadas, lançando-se a esse grande projeto literário. Projeto semelhante, e decorrente, do que o levou outrora a empreender a sua viagem ao Oriente.

Quanto aos eixos temáticos, o que hoje aqui queremos destacar é que a *Peregrinação* é, antes de mais, a descrição da experiência de uma viagem, protagonizada pelo seu autor, Fernão Mendes Pinto, por territórios longínquos do Oriente, em terras que lhe eram estranhas, onde sempre tem o estatuto de estrangeiro. No seu papel de *peregrino*, Fernão Mendes Pinto vai desde o «cabo do mundo» (designação que dão os orientais ao Ocidente) à «pestana do mundo» (o Oriente), de onde regressa com vida.

A *Peregrinação* é, de facto, um relato de sobrevivência, exemplo máximo de adaptação e superação de todas as adversidades e infortúnios, onde o seu autor e a sua personagem axial dão mostras de um conhecimento pragmático e utilitário, fruto de uma experiência adquirida e vivida em todos aqueles territórios, desconhecidos, estranhos, exóticos, e com frequência, incompreensíveis. E esse espírito de superação obriga-o a adotar diferentes papéis ao longo da sua aventura e viagem de 21 anos: o de comerciante, homem de armas, pirata, peça de leilão, indigente, médico, jesuíta, embaixador, etnógrafo, poliglota: um aventureiro, um

¹⁴ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 429.

peregrino, um contínuo estrangeiro, um sobrevivente. Um entre muitos «camaleões», cujo êxito presumia adaptações constantes a mundos que não eram os seus, nem os dominados pelo Estado da Índia.

Esta sua viagem pode ser interpretada como um relato mitológico, o périplo do herói, na aceção de Joseph Campbell¹⁵, pois partilha com ele estruturas e tópicos coincidentes com diferentes discursos mitológicos, conhecidos desde a *Odisseia* de Homero. As diferentes etapas protagonizadas por Fernão Mendes Pinto podem, de facto, dividir-se na tríade: separação, iniciação e retorno. Este padrão narrativo está presente em muitas histórias e lendas populares. Neste modelo, o herói abandona a sua casa, o seu mundo quotidiano, movido pela falta de condições materiais e de recursos económicos, e lança-se na aventura. Vai ao encontro do desconhecido, onde contacta com mundos que lhe são estranhos. Depois, principia a sua viagem iniciática. São muitas as situações adversas, as provas e trabalhos que se lhe apresentam e das quais consegue escapar com vida, em algumas ocasiões com ajudas de último momento. Mas sempre sobrevive. Estas provas contribuem para que vá tomando consciência de si mesmo, e acabam por transformá-lo. Por último, regressa à sua comunidade de origem com um dom adquirido. No caso de Fernão Mendes Pinto, podemos dizer que este dom consiste nos conhecimentos e competências adquiridas na sua viagem, os quais, na sua volta, pode partilhar com os seus conterrâneos, sendo reconhecido socialmente por isso mesmo.

No seu regresso é um homem que aceitou o carácter transitório das vaidades, das tristezas e das alegrias da vida. O contacto com o outro, com o Oriente, transformo-o. Fernão Mendes Pinto alcançou um conhecimento prático sobre os novos mundos, mas também sobre si próprio e o seu mundo interior. A descoberta do desconhecido, que se tenta tornar acessível e compreensível à luz dos esquemas mentais próprios, resulta numa aprendizagem e numa inevitável comparação. A definição desses outros conduz a um exercício de introspeção, de autorreconhecimento, e a uma reflexão sobre a sua própria identidade.

Fernão Mendes Pinto, homem curioso e de boa memória, empreendeu uma aventura, enfrentou o desconhecido, sobreviveu e regressou transformado, um

¹⁵ O monomito, ou mito único, conhecido como viagem, jornada ou, melhor, o périplo do herói, é um termo firmado pelo antropólogo e mitólogo Joseph Campbell para definir o modelo básico de muitos dos relatos épicos identificados em todo o mundo. Campbell defende que os heróis de numerosos mitos de tempos e regiões díspares compartilham estruturas e desenvolvimentos fundamentais, que aparecem resumidos na sua obra *O herói de mil faces* (CAMPBELL, 2005).

homem novo. A sua experiência vivida, o conhecimento adquirido, a astúcia, e a sorte (entendida como a vontade de Deus) garantiram a sua sobrevivência num meio desconhecido, muitas vezes hostil, sendo, como muitos outros, a ponta de lança de um projeto imperial. Não obstante, e tal como muitos dos seus contemporâneos e conterrâneos, sempre antepõe os seus interesses pessoais aos interesses do Império. No seu discurso, encontramos a intencionalidade de entender o que o rodeia para em alguns casos se poder apropriar, controlar, e dominar um mundo totalmente diferente, e uma nova natureza.¹⁶

Através do seu discurso observamos a sua obsessão em quantificar tudo, em atribuir valor a tudo. Esta constante, para além de dar credibilidade ao relato, também evidencia um carácter utilitarista, apresentado como fundamento de um projeto político, comercial e de evangelização. O carácter pragmático do conhecimento adquirido acompanha essa dimensão de quantificação de resultados e constitui-se em explícita justificação das viagens empreendidas. Assim, ao longo das páginas da *Peregrinação*, tudo é passível de ser quantificado, incluindo o conhecimento e a informação. A descrição evidencia, porém, que se visa, acima de tudo, a vantagem, o proveito.

Ainda que nesta obra se evidencie esse carácter utilitarista, o autor também convida o leitor, em muitas ocasiões, à reflexão e à valorização moral. Precisamente, o que hoje e aqui mais queremos destacar é a sua capacidade para mover esse seu leitor, divertindo-o ou tão somente estimulando-o. O que queremos elogiar são os aspetos plásticos e emocionais que são invocados na obra. Esses aspetos que nos permitem tentar compreender os sentimentos e as emoções sentidas e suscitadas por mulheres e homens de diferentes culturas, diferentes tempos e diferentes complexos civilizacionais¹⁷. O facto é que, se nunca chegamos a conhecer bem Fernão Mendes Pinto, logo nos apercebemos, ao ler a *Peregrinação*, que estamos indiscutivelmente perante um contador de histórias, com as quais ele ainda hoje seduz, fascina, impacta, não deixando ninguém indiferente.

¹⁶ Com os portugueses e as suas viagens marítimas ao longo dos séculos XV e XVI, a experiência é transformada numa fonte segura de conhecimento e critério de verdade (cf. ALMEIDA, 2018:141; BARRETO,1986).

¹⁷ CHARTIER, 1988.

Creemos poder assumir que o maior fator de sucesso desta obra se prende com os sentimentos que desperta através do relato da sua experiência no Oriente. Com efeito, é feito das descrições de elementos culturais que nos são estranhos, ora com episódios de grande crueldade, ora com outros que nos fazem rir, sempre a obra despertando emoções, de adesão, de repulsa, de espanto, ou de incredulidade. Neste domínio de análise, descemos ao nível da subjetividade comum, do emocional, do riso, do medo, das lágrimas, do estremecimento, dos homens pasmados e das carnes tremidas.

A *Peregrinação* é, acima de tudo, uma obra que move o leitor. Fernão Mendes Pinto é um homem que sabe olhar, observar e refletir sobre o que captam os seus sentidos e que consegue transmitir o que pensa e sente. O autor convida-nos a imaginar com ele, e com isso contagia-nos e seduz-nos com a sua forma de apresentar o seu «guião» de aventuras e desventuras. O que nos transmite é que, antes de tudo, a sua experiência do Oriente foi, antes de mais, uma experiência emocional.

Nesta sua criação literária, Fernão Mendes Pinto relata as experiências vividas ao longo das suas viagens pelo Oriente, as vividas por muitos dos seus companheiros portugueses, e outras estórias que pertencem à própria história das populações locais. Tem a oportunidade de escrever sobre aquilo que viu, ouviu, sentiu, tocou. Descreve territórios, gentes, formas de organização social, costumes, curiosidades e novidades exóticas. Assim, por exemplo, descreve-nos a cidade de Gumbim, no reino do Jangomá¹⁸, como «rodeada da parte do sertão em distância de cinco ou seis léguas de arvoredo de beijoim e de campinas de lacre, o qual desta cidade se leva de veniaga a Martavão, onde se carregam muitas naus dele para diversas partes da Índia, para o estreito de Meca, para Alcocer e Judá. Há também nesta cidade muita soma de almisce, muito melhor que o da China, que também se leva para Martavão e Pegú, onde os nossos o compram para de veniaga o levarem a Narsinga, Orixá e Masulepatão».¹⁹

O autor refere que, entre as diferentes nações que apoiavam aos bramás (Birmânia) na conquista do Martavão, «... estavam trinta e seis mil estrangeiros de quarenta e duas nações, em que havia portugueses, gregos, venezianos, turcos,

¹⁸ Chiang Mai, no norte da atual Tailândia, foi a capital do reino de Lan Na (1296-1768).

¹⁹ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 542.

janíçaros, judeus, arménios, tártaros, mogores, abexins, raizbutos, nobins, corações, persas, tuparás, gizares, tanocos da *Arabia Felix*, malabares, jaos, achéns, mões, siames, lusões da ilha Bornéu, chacomás, arracões, predins, papuás, selebres, mindanaos, pegús, bramás, chalões, jaquesalões, savadis, tãgus, calaminhãs, chaleus, andamões, bengalas, guzerates, andraguirés, menancabos, e outros muitos mais a que não soube os nomes».²⁰

Fernão Mendes Pinto nunca se esquece de falar de emoções desatadas, em alguns dos cenários descritos na sua obra, como por exemplo acontece ao falar do pagode de Quiay Pontar, onde foram depositadas as cinzas do rei morto do Sião: «...depois que foi enterrada a arca de prata em que iam as cinzas do corpo de el-rei, tirando o menino fora, se pôs o fogo a toda aquela multidão de ídolos, assim como iam nas barças, com um tamanho estrondo de gritas, brados, apupos, tiros de artilharia e espingardaria, tanger de sinos, bacias, cornos, búzios, e com outras muitas maneiras de diferentes dissonâncias, que faziam *tremar as carnes*, a qual cerimónia não duraria mais que uma hora somente, porque como todas estas figuras eram feitas de palha, e nas embarcações ia muita soma de breu e resina para este efeito, fez isto em muito breve espaço levantar um tamanho e tão espantoso fogo, que quase parecia um retrato do Inferno, e as embarcações com tudo o que estava nelas ficou de todo consumido»²¹.

Quando Fernão Mendes Pinto relata uma fuga com um grupo de portugueses do rei do Bramá, escreve: «E sendo passadas duas horas da noite, seguimos por nosso intento, que, como já disse, era irmos assim às cegas por aquele rio abaixo, até onde a ventura nos guiasse, ou Deus já fosse servido com nossa morte dar fim a tantos trabalhos quantos continuamente de dia e de noite tínhamos passado, *com muitos estremecimentos e visões de morte que nos atormentavam* mais que a mesma morte com que tão abraçados íamos».²²

Centra-se no vivido, seguindo uma cronologia e dando prioridade aos episódios que envolvem mudança e aventura. *Suspense*, curiosidade, novidade dominam a narração de episódios que causam riso e outros que suscitam lástima. E tudo isto atrai e ativa a atenção do leitor/ouvinte. A sua narração parte de uma experiência real, que decorre de uma aventura real, e o autor não é uma simples personagem

²⁰ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 515.

²¹ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 638.

²² POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 599.

fictícia de um livro. Os seus conterrâneos puderam, alguns deles, contactar com o autor, questioná-lo acerca das suas aventuras e dos conhecimentos adquiridos, embora os seus públicos numericamente mais expressivos só venham a ser constituídos a partir das muitas edições do livro, desde o século XVII²³. Os outros seriam ouvintes, que das suas narrações orais colheriam informações, algumas das quais viriam a ser integradas em obras escritas com a autoridade de autores consagrados.²⁴

Na *Peregrinação*, predominam cenários protagonizados pelo elemento da água, que tudo unifica: pelos mares, as descrições hidrográficas, que moldam invariavelmente as geográficas, topográficas, etnográficas, zoológicas, botânicas, minerais, climáticas, e ombreiam com referências à tecnologia militar, a tipos de embarcação, à ciência e técnica da navegação.

Ao descrever o reino do Sião, o autor informa: «A maior parte dele é de terras baixas, em que há muitas campinas lavradas e rios de água doce, e por isso é muito fértil e abastada de mantimentos e de carnes. Nas partes altas tem arvoredos espessos de muita madeira de angelim, de que se podem fazer milhares de navios de toda a sorte. Tem muitas minas de prata, ferro, chumbo, estanho, salitre e enxofre. Tem também muita seda, águila, beijoim, lacre, anil, roupas de algodão, rubis, safiras, marfim e ouro, e disto tudo muito grande quantidade. Nos matos da costa tem muito brasil e pau-preto, de que todos os anos se carregam mais de cem juncos para a China, Ainao, Léquios, Camboja e Champá, e tem mais muita cera, mel e açúcar. Rendiam ordinariamente neste reino os direitos reais cada ano doze contos de ouro, afora os serviços que lhe faziam os senhores dele, que também é outra muito grande quantidade».²⁵

Ao descrever o enfrentamento que um grupo de portugueses teve com homens do

²³ Algumas destas primeiras edições: *Historia Oriental de las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto*[...], Madrid: Tomas Iunti, 1620; *Les Voyages advantvrevx de Fernand Mendez Pinto*. Fidelement traduits de Portugais en François par le Sieur Bernard Figvier gentil-home portugais. Paris: Mathvrin Henavlt, 1628; *De wonderlyke Reizen van Fernando Mendez Pinto*, t'Amsterdam: Voor Jan Rieuwertsz en Jan Hendriksz, 1652; *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto, a Portugal*, London: J. Macock, for Henry Cripps, and Lodowick Lloyd, 1653; *Wunderliche und Merckwürdige Reisen Fernandi Mendez Pinto*, Amsterdam: Bey Henrich und Dietrich Boom, Buchhändlern, Im Jahr Christi, 1671; *Peregrinação de Fernam Mendez Pinto*, Lisboa: Oficina de António Craesbeeck de Mello, 1678.

²⁴ Este é o caso de Giovanni Maffei, autor do *Historiarum Indicarum Libri XVI*. Florentiae: apud Philippum Iunctam, 1588. E de João de Barros, em relação à informação sobre o Japão nas *Décadas da Ásia*, Lisboa, 1552-1563. CATZ, 1981, 122, 125.

²⁵ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 653.

reino do Achem, explica, com detalhe: «Na dianteira desta armada dos inimigos vinham três galeotas de turcos em companhia da lanchara em que vinha o Biyayá Soora, capitão-mor da armada, que se intitulava rei de Peedir, e após estas quatro vinham nove fileiras de seis a fileira, de modo que as velas de remo que vinham na armada eram por todas cinquenta e oito, porque as mais eram lancharas e fustas que tiravam cameletes por proa, e algumas meias esperas com seus falcões na coxia, afora muitos berços e outra artilharia miúda, de que todas vinham muito bem providas. E como o ímpeto da água vinha em seu favor, e os navios vinham bem equipados e de voga arrancada, ao som de muitos instrumentos de guerra».²⁶ Quando relata o aprovisionamento que fez António de Faria no porto de Lailó, uma vez mais recorre a uma descrição minuciosa e pragmática: «E desembarcando alguns dos nossos em terra, compraram logo com muita pressa todas as coisas de que tinham necessidade, como foi salitre e enxofre para pólvora, chumbo, pelouros, mantimentos, amarras, azeite, breu, estopa, madeira, tabuado, armas, zargunchos, paus tostados, vergas, paveses, antenas, calhau, poleame, driças e âncoras, fizeram aguada e se proveram de esquipação de gente do mar [...]. Acharam-se também na armada cento e sessenta espingardas e quarenta peças de artilharia de bronze, em que entravam doze falcões, dois camelos, uma espera e cinco roqueiros que tiravam pelouros de pedreiros, e os mais berços, com dois cães como meias esperas, e sessenta quintais de pólvora, cinquenta e quatro de bombarda e seis de espingarda, afora a que já era dada aos arcabuzeiros, e novecentas panelas, as quatrocentas de pólvora e as mais de cal virgem em pó, como os chins costumam, e muitas rocas de pedra, e setas, e lanças, e bombas de fogo que um levantisco nos fazia por seu estipêndio, que por isso se lhe dava, e quatro mil zargunchos com pontas de ferro, que ao abalroar servem de arremesso, e seis batéis de calhau, por ser coisa com que toda a esquipação peleja, e doze arpéus de abalroar, com suas fateixas talingadas em cadeias de ferro muito compridas, e outros muitos artifícios de fogo que os chins nos inventaram com cobiça do muito que por isso se lhes dava».²⁷

²⁶ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 711.

²⁷ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 243-244.

Todos estes aspetos vão satisfazendo a curiosidade dos que buscam respostas verosímeis sobre como ocorreu, como aconteceu determinado evento ou sucesso político, comercial ou evangélico.

Ao mesmo tempo, na descrição destes cenários traçados, ouvimos campainhas de vento, sons agradáveis ou desagradáveis aos nossos ouvidos, música para folgar, gemidos e gritos desgarrados. Tudo isto é, para o autor e para nós, o Oriente, percebido por ocidentais. Vemos personagens com os braços erguidos, carregados de lágrimas; com rostos tristes, disformes e que metem medo, uns, e outros com rostos alegres, bem-assombrados, e com a boca cheia de riso. Sentimos cheiros que mal se podem sofrer, a par de outros, muito suaves, provindos de perfumadores de prata, e azeites com que se untam os corpos. Todas estas sensações são compartilhadas com os seus leitores.

Isso permite que nos coloquemos na pele dos protagonistas, ocidentais ou orientais. Através da leitura da *Peregrinação*, penetramos nos aspetos emocionais que se supõe fazerem parte da experiência vivida pelos agentes reais, pelos «videntes» da gesta dos descobrimentos no Oriente. O seu registo, partindo de um plano individual, subjetivo, descentra-nos de leituras épicas e heróicas para nos fazer descer ao nível do desconcerto, do assombro, do medo, para penetrarmos na pele dos protagonistas da obra: pasmados, espantados e fora de si. Estes eram, ao fim e ao cabo, mulheres e homens comuns, de carne e osso, a quem tremem as carnes, a quem se lhes arrepiam os cabelos, que ficam entaramelados, que choram, gemem, soluçam, dão bofetadas a si próprios, a ponto de perderem o juízo. O estremecimento em que vivem é o que nos fazem sentir, em virtude de uma «desordenada cobiça»²⁸, «desordenada crueldade»²⁹, ou um qualquer «desacostumado sentimento».³⁰

Vivemos episódios que envolvem arcabuzadas, bombas de fogo, estocadas e espingardeadas nos peitos, narizes, orelhas e dedos cortados, despedaçamentos em trombas de elefantes, esventramentos e decapitações, corpos metidos em fornos acesos, serrados vivos, e outros espetados como leitões³¹. Fernão Mendes

²⁸ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 255, 474.

²⁹ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 319.

³⁰ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 485.

³¹ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 536.

Pinto polvilha a sua obra de «descabeçados»³², de gente que leva «pedrada na cabeça»³³, «cutiladas na cabeça»³⁴, «machadinha na cabeça»³⁵ e fica de «miolos fora».³⁶

São várias as descrições de emoções e sentimentos desatados. Descrevem-se cenários sobre os quais Fernão Mendes Pinto afirma que teve que «fazer das tripas coração»³⁷, e outros em que quase todos os envolvidos perderam o juízo³⁸, e ficaram «pasmados e fora de si»³⁹. São inclusive descritos episódios de canibalismo.⁴⁰

Mas nem tudo são dramas. São muitas as emoções agradáveis que a obra desperta no leitor. Brinda-nos o autor com momentos que nos arrebatam também sorrisos. E são tantas as personagens que se destacam pelos seus risos e sorrisos.⁴¹

Isto leva-nos, de novo, à questão do êxito da *Peregrinação*, tentando percebê-lo através das circunstâncias culturais da produção da obra e da sua publicação. No contexto em que a obra é produzida e depois publicada, há necessidade de novos mitos e de um novo ideário que dignificassem e revitalizassem a experiência histórica dos descobrimentos e da expansão portuguesa. Num período de perdas dos portugueses no domínio dos mares, em direta relação com a competição de outras potências europeias, militar e economicamente mais poderosas, importava cultivar e divulgar os feitos dos portugueses. Isso foi tentado, em termos políticos, por uma literatura panegírica. Tratava-se de manifestar o prestígio e os direitos históricos dos portugueses sobre mares e territórios agora disputados por outros, através de um tom exaltante, que não é, por certo, o dominante no texto de Fernão Mendes Pinto. Todavia, o nosso autor, como Luís de Camões, procura ver reconhecidos os seus contributos, ainda que num registo bem diverso, no mesmo quadro contextual: o da necessidade de se alimentar e propagandear um ideário expansionista de que os portugueses tinham sido pioneiros.⁴²

³² POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 223.

³³ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 188.

³⁴ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 201, 210, e 248.

³⁵ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 209.

³⁶ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 193, 209.

³⁷ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 473.

³⁸ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 361.

³⁹ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 657.

⁴⁰ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 175, 623.

⁴¹ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018, 107, 234, 374, 444, 730, 781.

⁴² MATOS, 1984; ANDRADE, 1972.

Na época do Renascimento, assiste-se, precisamente, a uma transformação dos antigos mitos medievais e ao surgimento de outros, que manifestam uma mudança na visão do mundo e do homem. O chamado “Oriente”, visto na época medieval como um espaço mítico, torna-se real, materializa-se num espaço que pode ser conquistado, evangelizado e de onde se podem trazer novos recursos, pelo trato regular e pelo negócio agora mais aberto. O espírito de cruzada cede lugar a um novo espírito, o da aventura, mas também o do conhecimento adquirido ou o do enriquecimento pessoal. Vemos refletido, no discurso da *Peregrinação*, o valor da aventura, ainda em si e de *per se*. A *Peregrinação* fixa este discurso, ajudando a que se configure um novo ideal, um novo modelo, um novo arquétipo, dessa forma contribuindo para dar forma a novos mitos. Entre eles, o da viagem científica, movida ela também pela aventura, o prazer de descobrir, de conhecer.

Nesta obra, chamam a nossa atenção os elementos exóticos, aqueles que poderíamos identificar com um orientalismo emergente, que abre um mundo de possibilidades aos curiosos e novos viajantes. A própria relação com a natureza também é diferente. Estes novos tempos, e em particular depois o século XVIII, dão mostras de pretender dominá-la, de pôr a natureza ao serviço dos interesses do homem, da política e da economia. Atitudes que perduram até os dias de hoje. A *Peregrinação* é um testemunho singular do lugar ocupado pelo Oriente na experiência ocidental europeia. E este ajudou a definir a sua própria imagem e identidade em oposição a um Oriente construído ou representado.

Registe-se, porém, que, em nosso entender, o êxito da *Peregrinação* repousa, não tanto no seu conteúdo, mas sobretudo na forma “universal” que lhe deu o seu autor, como contador de *estórias*. Com a sua leitura rimos, emocionamo-nos, estremecemos, admiramos, espantamo-nos. A obra contagia e seduz, despertando a nossa curiosidade sobre esse Oriente vivido pelo seu autor. A *Peregrinação* é um testemunho raro de como foi vivenciada a experiência desses primeiros encontros interculturais no chamado “Oriente” – um testemunho das suas mais perturbadoras influências...

Bibliografia

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2018) — *O Século dos Prodígios. A Ciência no Portugal da Expansão*. Lisboa: Quetzal.
- ANDRADE, António Alberto Banha de (1972) — *Mundos novos do Mundo. Panorama da difusão pela Europa de notícias dos descobrimentos geográficos portugueses*, 2 vols., Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- BARRETO, Luís Filipe (1986) — *Caminhos do saber no renascimento português: estudos de história e teoria da cultura*, Lisboa, INCM.
- CAMPBELL, Joseph (2005) — *O herói de mil faces*. Lisboa: Editora Pensamento.
- CATZ, Rebecca (1981) — *Fernão Mendes Pinto: sátira e anti-cruzada na «Peregrinação»*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- CHARTIER, Roger (1988) — *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- CORREIA, João David Pinto (1999) — «A construção do colectivo na Peregrinação: percurso e significado». In Maria Alzira Seixo e Christine Zurbach (org.) — *O discurso literário da «Peregrinação»*, Lisboa, Edições Cosmos, p. 171-188.
- MATOS, Luis de (1984) — *L'expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais,
- PINTO, Fernão Mendes (1614) — *Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouvio no reyno da China, no da Tartaria, no de Sornau, que vulgarmente se chama de Sião, no de Calaminhan, no do Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhua noticia. E também da conta de muytos casos particulares que acontecerão assi a elle como a outras muytas pessoas. E no fim della trata brevemente de algumas cousas, & da morte do Santo Padre Francisco Xavier, unica luz & resplendor daquellas partes do Oriente, & reitor nellas universal da Companhia de Iesus*. Lisboa: Pedro Crasbeeck.
- POLÓNIA, Amélia; CAPELÃO, Rosa, coords (2018) — *Primeira obra de aventura e contactos intercivilizacionais/ Fernão Mendes Pinto, Peregrinação*. In FRANCO, José Eduardo; FIOLHAIS, Carlos dirs. — *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa* dirs, vol. 19. Lisboa: Círculo de Leitores.
- RICŒUR, Paul (2009) — *Teoria da Interpretação. O discurso e o excesso de significação*, Lisboa, Edições 70.
- SAID, Edward W. (1996) — *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 33.

